

Ensino temático ao alcance de todos

Há dois anos o professor Fernando Luis Travassos ia para a escola onde dá aula, na zona rural de Ceilândia, quando viu um cavalo morto na beira de um córrego. Nada muito surpreendente na região, onde animais são comuns e suas mortes, também.

Mas aquele cavalo teve um fim diferente. Alguns dias depois, seus ossos estavam sendo limpos, contados e separados por algumas dezenas de crianças da Escola Classe Córrego da Coruja. O cadáver havia se transformado no primeiro "tema gerador" do professor Travassos.

Durante um semestre, os alunos de 3^a e 4^a séries — a escolinha rural divide as crianças em apenas duas turmas, por falta de salas e professores — usaram os ossos do cavalo para estudar desde ciências até matemática e português.

Um cavalo para estudar português e matemática? Pode parecer estranho, mas a experiência que partiu de um "estalo", como o próprio professor classifica, é o que especialistas em educação consideram uma das melhores maneiras de ensinar.

Relacionar conteúdos escolares com temas que tenham algum significado para a criança facilita, e muito, a aprendizagem. O fundamento do tema gerador ou transversal é esse: em cima de um assunto, explorar coisas diversas como o estudo dos verbos, a multiplicação ou a higiene.

"Quando mais próximo da realidade do aluno estiver, mais significado ele terá, é mais fácil será para ele entender", defende Regina de Assis, membro do Conselho Nacional de Educação e relatora da proposta de diretrizes curriculares para o ensino fundamental.

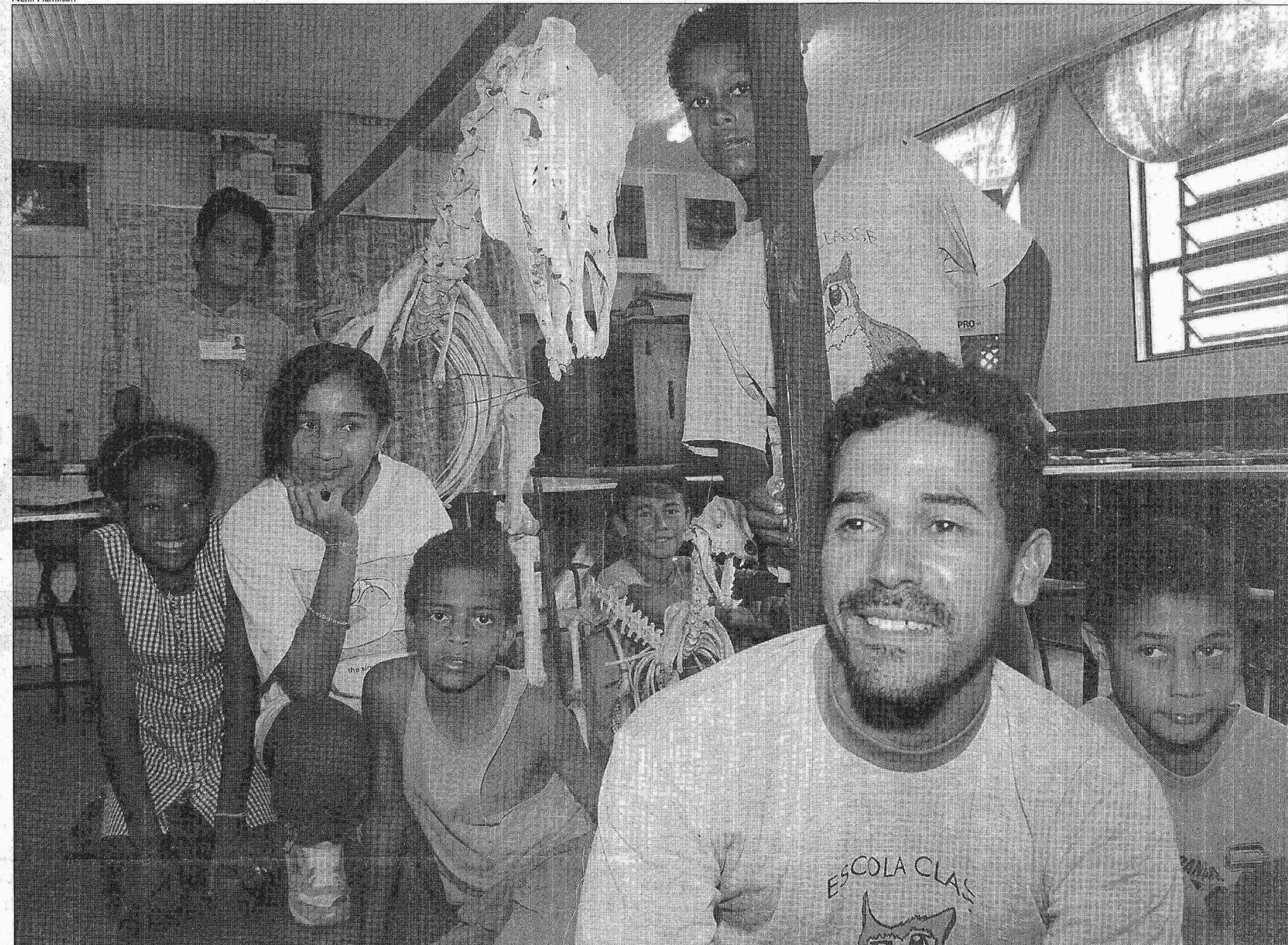
Usando o esqueleto do cavalo, o professor Travassos conseguiu passar para seus alunos um significado um tanto complicado: verbos. "Eles tinham dificuldade em entender o que era ou não verbo", conta.

Nas aulas, o professor começou a perguntar o que o cavalo fazia quando era vivo. Andava, dormia, comia, relinchava, responderam os garotos. "E agora, o que ele pode fazer?", perguntou Travassos. "Nada, ele está morto", responderam. "A partir disso eles conseguiram entender, com muito mais facilidade, que o verbo é uma ação; isso porque o exemplo prático estava ali, na frente deles", explica o professor.

NOVO E ANTIGO

Os temas geradores estão em pauta no momento, mas não são exatamente uma novidade. Paulo Freire e antes dele o educador francês Decroly, no início do século, já falavam em modos de ensinar

Nehil Hamilton



O professor Fernando Luis com alguns dos seus alunos e o esqueleto de cavalo que usou para ensinar ciências, matemática e até português: alunos finalmente conseguiram entender o que é um verbo

parecidos. "Decroly falava de centros de interesse, que significava explorar aspectos de vários disciplinas em torno de uma pesquisa", explica Regina de Assis.

Mais tarde, Paulo Freire propôs ensinar adultos a ler e escrever partindo de palavras que tivessem um significado na vida deles. Usou, por exemplo, "tijolo" para operários da construção civil. "Os temas partem do mesmo princípio: usar assuntos que tenham ligação com o dia-a-dia da criança, ou que tenham algum interesse para elas", afirma Regina.

Na escola Córrego da Coruja, o cavalo é meio de transporte para muitas das crianças que freqüentam as aulas. Moradores das chácaras da região, eles têm contato muito próximo com os bichos. Conhecem seus cuidados e seus hábi-

tos. "Ficou muito mais fácil de aprender. A gente está sempre com os bichos, gosta deles, cuida deles", conta Maychel Castro Barbosa, 14 anos, 3^a série.

Além da ligação com o cotidiano das crianças, outros cuidados devem ser tomados ao se escolher um tema. O primeiro deles, segundo Regina de Assis, é a consciência de quais conceitos as crianças têm que aprender a cada série — especialmente da 1^a à 4^a, quando há um só professor para todas as disciplinas.

Nas turmas de 5^a a 8^a séries, a organização de um tema é mais complicada. Deve envolver professores das diferentes disciplinas, e todos eles precisam estar dispostos a trabalhar juntos. Mas é possível.

Na Escola Municipal Narcisa Amália, na Ilha de Guaratiba (RJ), o projeto começou com as aulas de

educação física. Uma oficina cultural, organizada pelo professor Sérgio Tavares, pretendia que as crianças pesquisassem e estudassem um tema que depois seria transformado em espetáculo de dança e teatro.

DEBATE

A partir do tema escolhido — o desse ano é a reforma agrária — pesquisava-se a história, produz-se textos, estuda-se música. Com o envolvimento dos professores de todas as áreas, que ajudam os alunos a pesquisar o que eles precisam para o projeto. "O que podemos ver não é apenas que tenha melhorado o rendimento dos alunos, mas que eles se tornaram mais críticos, que o nível de debate melhorou muito", garante Tavares.

A escolha do tema feita na escola

da ilha de Guaratiba leva em conta a realidade da região. Segundo o professor, a maior parte dos alunos vêm de famílias de imigrantes — muitas chegaram na cidade grande expulsas do campo. "Não se pode impor um tema, ele tem que ser discutido, mesmo que uma eleição não possa ser feita", afirma o professor.

Este é outro ponto destacado por Regina de Assis. "É preciso relacionar as necessidades de conhecimento com aspectos da vida cidadã", diz. Ou seja: deve-se escolher temas que, além de estarem ligados ao cotidiano dos estudantes, despertem neles a vontade de debater, de fazer críticas, de querer saber mais.

Os temas transversais colocados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) instituídos pelo Mi-

nistério da Educação (MEC) podem servir de base para a escolha de temas geradores. Neles, tanto para 1^a e 4^a séries quanto para 5^a e 8^a, os especialistas colocaram alguns assuntos que, apesar de não serem obrigatórios nos currículos formais, deveriam ser discutidos em todas as escolas.

Educação sexual, ambiental, trabalho, saúde seriam assuntos tratados em todas as disciplinas, cada uma delas destacando um aspecto. Os temas geradores seguem a mesma lógica. A diferença é que, ao invés de um tema amplo, como saúde, pode-se ter um pequeno ponto de partida. Um cavalo. Uma música. A reforma agrária. A escolha é do colégio. Ou do professor que se dispuser a dar aulas que vão além daquilo que está escrito no livro didático.